

O DIZER NOS DISCURSOS DE POSSE DE MIGUEL ARRAES E ERALDO GUEIROS À LUZ DA TRADIÇÃO DISCURSIVA ¹

Sérgio Augusto Prado²

RESUMO: O presente trabalho tem por objetivo identificar traços de tradicionalidade no gênero discurso de posse, sob a perspectiva da Tradição Discursiva, a partir de um *corpus* composto por três discursos de posse de distintos governadores do estado de Pernambuco, que foram empossados em momentos singulares da história política pernambucana e brasileira. O primeiro é o discurso de Miguel Arraes, proferido em 31 de janeiro de 1963; o segundo do governador Eraldo Gueiros Leite, de 15 de março de 1971; por fim, o novo discurso de Miguel Arraes, datado de 15 de março de 1987. Os principais pontos analisados neste estudo são: o contexto sócio-político-histórico que levou a produção dos discursos, seus traços identitários enquanto gênero, a organização retórica dos mesmos, seu conteúdo temático e seus modos de dizer, especificamente o papel dos advérbios de modo presentes nos discursos. O estudo visa contribuir com as pesquisas acerca da historicidade dos textos, trazendo para análise discursos políticos e seus modos de dizer situados no período da ditadura militar. Como suporte teórico-metodológico para a elaboração deste estudo, nos baseamos nas elaborações propostas por KABATEK (2006); GOMES, JUNGBLUTH E ZAVAM (2020); LONGHIN (2011), BAKHTIN (1997); BARROS (2010); CONSTANCIO e SCHLEE (2021). A análise demonstrou que a tradicionalidade se faz presente na composição dos discursos de posse, revelando indícios de TD na amostra analisada. Ainda que proferidos em períodos diferentes e opostos ideologicamente, os discursos possuem muitas características idênticas na forma de dizer, ainda que o dizeres apresentem singularidades.

PALAVRAS-CHAVE: política; gênero; tradição discursiva; discurso de posse.

RESUMEN: El presente trabajo tiene como objetivo identificar rastros de tradicionalidad en el género del discurso inaugural, desde la perspectiva de la Tradición Discursiva, a partir de un corpus compuesto por tres discursos inaugurales de diferentes gobernadores del estado de Pernambuco, quienes juraron en momentos únicos de la historia de Pernambuco y la política brasileña. El primero es el discurso de Miguel Arraes, pronunciado el 31 de enero de 1963; la segunda del Gobernador Eraldo Gueiros Leite, el 15 de marzo de 1971; finalmente, el nuevo discurso de Miguel Arraes, fechado el 15 de marzo de 1987. Los principales puntos analizados en este estudio son: el contexto socio-político-histórico que condujo a la producción de los discursos, sus rasgos identitarios como género, la organización retórica de los mismos, su contenido temático y sus modos de decir, específicamente el papel de los adverbios de modo presentes en los discursos. El estudio pretende contribuir a la investigación sobre la historicidad de los textos, trayendo al análisis los discursos políticos y sus modos de decir del período de la

¹ Artigo apresentado como requisito de avaliação da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, ministrada pelo Prof. Dr. Inaldo Soares, sob a orientação da Profa. Dra. Valéria Severina Gomes.

² Graduando do Curso de Licenciatura em Letras (Português/Espanhol) pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: sergio.augusto.prado@gmail.com

dictadura militar. Como sustento teórico-metodológico para la elaboración de este estudio, nos basamos en las elaboraciones propuestas por KABATEK (2006); GOMES, JUNGBLUTH Y ZAVAM (2020); LONGHIN (2011), BAKHTIN (1997); BARROS (2010); CONSTANCIO y SCHLEE (2021). El análisis mostró que la tradicionalidad está presente en la composición de los discursos inaugurales, revelando evidencias de DT en la muestra analizada. Aunque pronunciados en períodos diferentes e ideológicamente opuestos, los discursos tienen muchas características idénticas en la forma de decir, aunque los dichos presenten singularidades.

PALABRAS CLAVE: política; género; tradición discursiva; discurso de titularidad.

Introdução

Entre os inúmeros gêneros textuais existentes, chama a atenção, pela importância e pelo pouco estudo, o gênero discurso de posse. Geralmente publicizados em diários oficiais ou em periódicos de grande circulação, os discursos de posse, de maneira geral, marcam, definem um compromisso que, a partir daquele momento, está sendo assumido com a entidade, a representação, o governo do qual o empossado passará a fazer parte.

Esses discursos, de uma maneira geral, acabam caindo no esquecimento público, sequer temos o trabalho de, ao fim de um mandato, verificar se os compromissos firmados, no momento da posse, foram cumpridos. Foram encontrados poucos estudos sobre o gênero discurso de posse, nas pesquisas preliminares para elaboração deste artigo. Citaremos dois desses estudos, um na perspectiva da linguística Sistêmico-funcional (CONSTANCIO e SCHLEE, 2021) que baseiam seus estudos na revisitação da abordagem de HALLIDAY e HASAN da linguística Sistêmico-funcional para discutir o gênero discurso de posse e outro na perspectiva da Análise do Discurso (BARROS, 2020), onde sobre essa perspectiva e sob a perspectiva da Pragmática analisa em seu *corpus* o caráter argumentativo desse gênero. Entretanto, ainda mais raros são os estudos desses discursos de posse sob a perspectiva da tradição discursiva.

Os discursos estudados neste artigo possuem uma mesma base, pois se tratam de discursos de posse de governadores do estado de Pernambuco, que representaram governos que estiveram no poder, em diferentes momentos de nossa história, em um dos períodos mais difíceis vividos pela Sociedade brasileira. O primeiro discurso de posse é de Miguel Arraes, proferido em 31 de janeiro de 1963, um ano antes do golpe cívico-militar que viria a cassar o seu mandato e de outros governantes país a fora. O segundo é o discurso de posse de Eraldo Gueiros, governador de Pernambuco, entre os anos de 1971 a 1974, o período mais duro da Ditadura, proferido no dia 15 de março de 1971. O terceiro discurso, novamente de Miguel

Arraes, proferido no dia 15 de março de 1987, representou o primeiro discurso de posse de um governador eleito após a ditadura cívico-militar.

A escolha desses discursos como objeto de estudo não foi casual, uma vez que estamos perto do aniversário de 60 anos do golpe cívico-militar, ocorrido no Brasil em 31 de março de 1964 e ainda curando as cicatrizes do descalabro que significou o último governo brasileiro (defensor contumaz da Ditadura). Estudar esses discursos é não só um resgate histórico, mas, do ponto de vista da Língua, uma oportunidade de abordar o quanto estão ligados linguisticamente. A escolha desses discursos representa, cada um a seu modo, como transpirava a sociedade brasileira e pernambucana no intervalo temporal que separa um discurso do outro. Portanto, pela relevância histórica, pelo espaço cronológico em que foram escritos, pelas diferenças político-ideológicas expressas e pelas estratégias de verbalização utilizadas, selecionamos esses discursos para compor o corpus de nosso trabalho.

No primeiro discurso analisado, temos um Miguel Arraes eloquente, otimista quanto aos seus propósitos, proferido em 1963, justamente um ano antes de ter seu mandato cassado pelo golpe cívico-militar. O segundo discurso, proferido por Eraldo Gueiros e datado de 1971, representa o auge do terror da Ditadura, oito anos e muitas lutas políticas depois separam esse discurso do de Arraes. No terceiro discurso, temos novamente Miguel Arraes, um Arraes mais comedido, mas ainda esperançoso, o primeiro governador eleito após a derrubada total do regime ditatorial no Brasil, 16 anos depois da posse de Gueiros. Respirava-se mudança nesse período. Estamos diante de governos opostos do ponto de vista político-ideológico, e essa diferença fica clara no conteúdo dos discursos. No entanto, enquanto gênero, o discurso de posse possui marcas tradicionais no dizer, uma verbalização específica que os tornam comuns enquanto uma tradição discursiva (TD), ainda que com posicionamentos políticos ideológicos diferentes.

Quanto à metodologia essa é uma pesquisa documental e bibliográfica, uma vez que se baseia em um corpus centrado na análise de discursos de posse proferidos pelos governadores citados, nos períodos aqui descritos e publicados em órgão oficial do Estado de Pernambuco, no caso o Diário Oficial do Estado de Pernambuco e nos arquivos do Partido Socialista Brasileiro (PSB). Além disso, para a contextualização histórico-política, nos subsidiou os arquivos da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo e periódicos jornalísticos como a Revista Superinteressante.

Para efeitos metodológicos de compreensão das análises realizadas chamaremos de:

Discurso 1 – O discurso de Miguel Arraes de 31 de janeiro de 1963.

Discurso 2 – O discurso de Eraldo Gueiros Leite de 15 de março de 1971

Discurso 3 – o discurso de Miguel Arraes de 15 de março de 1987.

A presente pesquisa tem um importante valor social, assim como para o campo da linguística textual e histórica, uma vez que compreendemos que é preciso estudar a língua em correlação com a natureza dos textos e seus propósitos comunicativos. Nesse sentido, Koch (1991, p.14) explica que “a Linguística textual toma, pois, como objeto particular de investigação não mais a frase isolada, mas o texto[...]. Do ponto de vista histórico, levando em consideração a historicidade dos textos mais especificamente a questão da Tradição Discursiva, é possível aprofundar os estudos envolvendo o gênero discurso de posse, nos seus diferentes aspectos linguísticos. Neste estudo especificamente, vamos abordar enquanto categorias de análise os seguintes aspectos: o contexto sócio-histórico dos discursos, levando em consideração sua organização retórica, seu conteúdo temático e os modos de dizer centrados na análise do papel dos advérbios de modo como elementos importantes na estratégia de verbalização ostentada para a argumentação textual, uma vez que o discurso de posse é de natureza argumentativa.

Embasamos teoricamente o trabalho no conceito de Tradição Discursiva, conforme Kabatek (2006); Gomes, Jungbluth e Zavam (2020); Longhin (2011); nos estudos de Bakhtin (1997); e nas contribuições quanto a conceituação do Gênero Discurso de Posse em Barros (2010) e Constancio e Schlee (2021), com o objetivo de traçar um paralelo histórico entre os discursos de posse selecionados e os traços de TD neles presentes, centrados nas categorias citadas.

Como parte do entendimento da língua enquanto interação social, os discursos estudados refletem, por meio da linguagem, os acontecimentos históricos ocorridos. Partimos do princípio de que os gêneros textuais possuem história e tradição, e os discursos de posse não são diferentes. Ainda que reflitam, do ponto de vista político, momentos distintos da história brasileira e em especial do estado de Pernambuco, possuem marcas que os definem como tal. O gênero discurso de posse, segundo Barros (2010), é um gênero argumentativo que busca convencer o receptor, expressa em geral um posicionamento, a visão refletida dos agentes que passam a assumir aquela estrutura de poder. Portanto, ao proferir um discurso de posse, em primeiro lugar, o sujeito que toma posse busca responder a esses agentes, assumindo e reiterando compromissos.

O objetivo de nossa pesquisa é demonstrar os traços de TD presentes na amostra estudada, a partir das dimensões analisadas. Como dimensões para esse estudo, adotamos: 1º a contextualização sócio-histórica, quem são os autores, em que conjuntura foram elaborados, o que refletem politicamente; 2º a organização retórica, as diretrizes, a organização dos textos, como se inicia, os agradecimentos; como terminam; 3º O conteúdo temático, a quem se dirige,

os compromissos firmados, a análise conjuntural presente nos discursos, as críticas; e 4º os modos de dizer, tendo como base utilização dos advérbios de modo presentes nos discursos utilizados nas construções argumentativas presentes nos discursos de posse analisados.

No primeiro tópico, realizamos uma síntese sobre o conceito de Tradição Discursiva. Essa conceitualização é importante, pois o gênero discurso de posse coloca-se como uma tradição discursiva, uma vez que utiliza expressões, movimentos retóricos, marcas que, independentemente do viés ideológico presente nos discursos de posse, se fazem presentes enquanto características recorrentes.

Em seguida, vamos contextualizar, não só do ponto de vista cronológico, o momento histórico-político em que os discursos foram realizados, isso é importante, pois, segundo Kabatek (2006), um dos traços definidores de uma TD é a relação temporal entre um texto e outro em diferentes momentos da história, com a presença da repetição de algo. E, no caso do corpus deste artigo, além das possíveis repetições, cabe enfatizar as diferenças, uma vez que se trata de discursos proferidos em momentos distintos da história política de Pernambuco e do Brasil.

Após essa contextualização, identificaremos as tradições discursivas (TD) presentes nos discursos de posse, a partir da análise de alguns fragmentos levando em conta a sua organização retórica, o conteúdo temático e o modo de dizer, especificamente a partir da utilização dos advérbios de modo presentes nos documentos da amostra.

Esperamos, a partir deste estudo, contribuir com o debate sobre o gênero discurso de posse, no que diz respeito a seus traços tradicionais, históricos, considerando a importância que o estudo desse gênero possui não só do ponto de vista da língua, mas também para a sociedade.

1. Concepção Teórica

A perspectiva histórico-social avançou consideravelmente, em especial se considerarmos o campo da historicidade dos textos e da língua. Nesta direção, a Tradição Discursiva (TD) vem conquistando seu espaço dentro dos estudos linguísticos. A TD não se trata ainda de uma teoria, é um modelo, um paradigma, que caminha lateralmente à Língua (Sistema e Norma) quando do caminho entre o objetivo comunicativo e o enunciado. Esse novo paradigma científico causa, de acordo com Kabatek (2006), entusiasmo e confusão. Essas construções teóricas se manifestam de diferentes formas no que diz respeito a linguagem, afinal, aqui se trata de estudar o fenômeno linguístico, através dos textos, partindo de uma perspectiva de historicidade desses textos e da Língua, que são de fundamental importância para os estudos científicos. Gomes; Jungbluth; Zavam (2020, p.562) assinalam que,

Nos últimos anos temos verificado uma virada nos estudos que envolvem a historicidade da língua e do texto no âmbito das pesquisas, as quais, acreditamos, têm trazido implicações significativas não só para a Linguística, como para áreas afins. Essa virada, que busca integrar sincronia e diacronia, tem como pedra fundamental a Linguística Integral proposta por Eugênio Coseriu (1981)

Conforme citado acima, o papel de Eugenio Coseriu para a Linguística de Texto e para a Filologia Românica, numa perspectiva histórica, foi fundamental para a virada nos estudos sobre a historicidade da Língua e podemos dizer também para o surgimento dos primeiros embriões do que mais tarde seria conceituado como TD. Uma das maiores contribuições coserianas para a linguística refere-se à distinção entre três níveis linguísticos: o nível universal do falar em geral, o nível histórico das línguas e o nível individual dos textos. A distinção entre os três níveis de linguagem propostos, pavimentaram as perspectivas de estudo no nascente campo das TD. Resgatamos as observações de Kabatek (2006, p.505-506) a esse respeito,

O conceito de TD nasce dentro da linguística alemã, especialmente dentro da linguística românica. Fortemente marcados pela tradição do ensino de Eugenio Coseriu, a maioria dos romanistas alemães aceita como fundamental a distinção coseriana entre três níveis do falar, três aspectos da atividade linguística cuja diferenciação é considerada requisito prévio imprescindível para qualquer questão do estudo da linguagem. Trata-se da distinção entre o nível universal do falar em geral, esse nível que é comum a todos os seres humanos e anterior à diferenciação babélica das línguas; aqui se encontra o dispositivo geral do homem para falar, para comunicar-se por meio de signos linguísticos que designam o mundo da experiência. O segundo nível é o histórico, das línguas como sistemas de significação historicamente dados, atualizados, no terceiro nível, em textos ou discursos concretos. Corresponde ao primeiro nível a designação como atividade linguística universal, atribuição de signos a um mundo de objetos, realizada desde o segundo nível com signos de uma língua particular que, na realidade, criam uma visão particular desse mundo, a partir de significados de uma língua e concretamente na atualização em atos individuais com a sua finalidade e o seu sentido particular.

Mas, mesmo com os avanços ocorridos nessa área da linguagem, não há, segundo Kabatek (2004), um consenso onde devemos colocar as TD dentro da Teoria da Linguagem, majoritariamente as TD são enquadradas no nível histórico, ainda que alguns teóricos aloquem as tradições textuais no campo individual. Dessa maneira, assim expressa Kabatek (2006, p. 506), sobre esses diferentes níveis,

os três níveis estão concomitantes quando se fala e unicamente se podem derivar a partir de atos concretos, já que não se pode falar “universalmente” sem falar uma língua e sem produzir textos, e não se pode falar uma língua como sistema de signos sem que seja mediante textos. Existe, porém, a possibilidade e até a necessidade de separação desses níveis na investigação de uma questão linguística concreta. O conceito de TD parte dessa classificação, ampliando-a e precisando alguns aspectos não contidos nela [...]

Como parte dessa discussão teórica, temos ainda os desdobramentos apresentados nas elaborações de Peter Koch, incluindo a TD na dimensão histórica no esquema coseriano, como um quarto campo correndo em paralelo com a historicidade das Línguas, diz Koch (2021, p.364):

[...] como complemento ao modelo coseriano dos três níveis do linguístico, precisamos de mais um tipo de tradição do falar, dada historicamente, mas não própria das línguas particulares[...] Considero, portanto, indispensável duplicar o modelo de Coseriu no nível histórico. Paralelamente ou, melhor dizendo, transversalmente às tradições e normas intralinguísticas, devem ser incluídas também as tradições textuais ou – como as denomino – as tradições discursivas ou normas discursivas[...] A diferença entre o campo da língua particular e o da tradição discursiva é evidente: sob o aspecto intralinguístico, ocupam-nos com línguas particulares e suas variedades como, por exemplo, o alemão, o inglês, o português, o francês, o russo, o francônio do Mosela, o sertanejo, o cockney, o argot etc.; sob o aspecto da tradicionalidade discursiva, trabalhamos com gêneros textuais, gêneros literários, estilos, gêneros retóricos, formas conversacionais, atos de fala, etc. como, por exemplo, a bula, o soneto, o maneirismo, o discurso cerimonial[...]

A riqueza das contribuições de Koch, paralelizando ou transversalizando essa categoria coseriana nos permite verificar que tais tradições discursivas se assemelham mesmo em diferentes línguas. Torna-se, assim, interessante para estudos posteriores analisar categorias do gênero discurso de posse em diferentes idiomas, para podermos constatar ou não esses traços em consonância com Koch (2021).

O que assinalamos por tradição muitas vezes são frases, expressões que não necessariamente constituem um gênero textual, mas são absorvidos culturalmente por um determinado povo, construindo determinadas situações concretas do dia a dia, por exemplo a próprias expressões: bom dia, boa noite, feliz aniversário, meus pêsames, portanto os modos de dizer, compõe as TD. Esses mesmos modos de dizer vemos presentes na composição dos gêneros, isso significa que, apesar de nem todas as TD serem gêneros, podemos considerar os gêneros como a carta, o discurso de posse, os editoriais como sendo TD. Outro aspecto importante que caracteriza as TD são suas marcas linguísticas, verbos utilizados, léxico. No caso deste estudo, conforme vimos afirmando, as categorias analisadas serão o contexto sócio-histórico, a organização retórica, a composição temática e os modos de dizer, partir do uso dos advérbios de modo no decorrer dos discursos de posse.

Como organização retórica entendemos a organização do texto, como ele começa, como se desenvolve, como termina, tomemos por exemplo o que diz Longhin (2011, p.15-16) em seu estudo sobre a receita de culinária,

A tradição receita culinária, como conhecemos hoje, tem por traços linguísticos principais o uso de verbos de ação no imperativo (leve, ligue, desligue, adicione, acrescente, misture, coloque, polvilhe), e a sequencialidade temporal dos eventos marcada comumente por meio da justaposição, de certos juntores adverbiais e conjuncionais, e do conteúdo semântico dos verbos [...] A respeito da primeira dimensão da receita, [...] o arranjo vertical dos itens é essencial para estabelecer uma hierarquia [...]

Essas diretrizes que **organizam** o discurso, **como as saudações, os agradecimentos, o desenvolvimento**, os ritos e a **maneira como termina** os discursos de posse enquadram-se nessa categoria.

No **conteúdo temático** vamos analisar os **compromissos** firmados, os objetivos, a visão de mundo, as **realizações**, as responsabilidades anteriores, as **propostas**, os **dados estatísticos da realidade local**.

Na análise dos **modos de dizer**, vamos procurar demonstrar a importância dos advérbios de modo na construção argumentativa dos discursos, o quanto a utilização desse recurso ajuda no processo de afirmação e persuasão daquilo que o discurso apresenta.

Como argumenta Longhin (2011), a aquisição das TD é parte de um processo, desenvolve-se de maneira desigual e não mecânica, mas com a presença de um núcleo fixo que em articulação com variações e deslocamentos podem modificar as TD. Nesse caso, há uma distinção entre o que cada gênero costuma utilizar; o que faz dele tal ou qual gênero, mas se os analisarmos separadamente comparando exemplos de um mesmo gênero, ainda que mudanças possam ocorrer pelo uso ou desuso de determinada palavra, determinado verbo, muitas das marcas se manterão independente do tempo histórico. A partir de nosso entendimento, o estudo das TD é vigoroso para a linguagem; para o conhecimento de muitos textos e suas características. Nessa perspectiva, vamos adotar o conceito de Kabatek (2006, p. 512),

Entendemos por Tradição Discursiva (TD) a repetição de um texto ou de uma forma textual ou de uma maneira particular de escrever ou falar que adquire valor de signo próprio (portanto é significável). Pode-se formar em relação a qualquer finalidade de expressão ou qualquer elemento de conteúdo, cuja repetição estabelece uma relação de união entre atualização e tradição; qualquer relação que se pode estabelecer semioticamente entre dois elementos de tradição (atos de enunciação ou elementos referenciais) que evocam uma determinada forma textual ou determinados elementos linguísticos empregados.

Vemos constantemente o surgimento de novos gêneros, a afirmação de alguns, o desuso de outros, isso se dá porque a Língua é viva e vai se construindo sócio-historicamente. Afinal, levando em consideração o pensamento de Koch (2021), não podemos dissociar a história dos textos da história social, já que ambas estão relacionadas e as mudanças que ocorrem no campo político, econômico, cultural, religioso etc., nos trazem novas necessidades comunicativas, que,

por sua vez, motivam o surgimento de novas tradições discursivas. No próximo item, falaremos a respeito do gênero discurso de posse, uma vez que o corpus de nosso trabalho é composto por uma amostra de textos representativos desse gênero.

2. Uma rápida discussão sobre o gênero discurso de posse

Conforme vai surgindo demanda social, gêneros vão sendo criados, incorporados pela sociedade e passam a fazer parte de nosso cotidiano. A novidade de até pouco tempo atrás, dá lugar a outro algo novo, com uma interação cada vez mais multissemiótica, ferramentas comunicativas que vão se impondo num ritmo cada vez mais acelerado, a esse respeito Bakhtin (1997, p. 280-281) já afirmava que,

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso são infinitas, pois a variedade virtual da atividade humana é inesgotável, e cada esfera dessa atividade comporta um repertório de gêneros do discurso que vai se diferenciando e ampliando-se à medida que a própria esfera se desenvolve e fica mais complexa. Cumpre salientar de um modo especial a heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), que incluem indiferentemente: a curta réplica do diálogo cotidiano (com a diversidade que este pode apresentar conforme os temas, as situações e a composição de seus protagonistas), o relato familiar, a carta (com suas variadas formas), a ordem militar padronizada, em sua forma lacônica e em sua forma de ordem circunstanciada, o repertório bastante diversificado dos documentos oficiais (em sua maioria padronizados), o universo das declarações públicas (num sentido amplo, as sociais, as políticas).

Antes de entramos na análise do *corpus* propriamente dita, falaremos um pouco sobre o gênero discurso de posse. Faltam, neste trabalho, elementos que demonstrem quando ele começou a ser utilizado; o fato é que o gênero discurso de posse possui uma historicidade constituída, pois temos registros de utilização pelo menos desde a década de 1950³. Na esfera de sua qualificação, ele compõe a prateleira dos chamados gêneros secundários, ou seja, gêneros da esfera pública, para Bakhtin (1997, p.281)

Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o **discurso ideológico**, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Durante o processo de sua formação, esses gêneros secundários absorvem e transmutam os gêneros primários (simples) de todas as espécies, que se constituíram em circunstâncias de uma comunicação verbal espontânea (grifo nosso)

³ O primeiro discurso de posse de um governador de Pernambuco encontrado, foi o do governador Osvaldo Cordeiro de Farias de 31/01/1955. Mas segundo Constancio; Schlee (2021), esse gênero é utilizado na Academia Brasileira de Letras desde a sua fundação em 20 de Julho de 1897.

Dessa maneira, o discurso de posse é o tipo de gênero que ocupa um espaço sociopolítico, destinado a um público específico com as diretrizes, agradecimentos, compromissos a serem realizados pelo representante empossado em questão, seja de um governante, membro da Academia Brasileira de Letras ou Presidente de agremiação esportiva. Embora tenha uma utilização obrigatória, pois está vinculado ao **rito da Posse**, o discurso de posse é ainda pouco estudado⁴, faz parte desse rito: os cerimoniais da posse e a leitura do juramento (aliás outro gênero interessante para posterior estudo) do empossado; o discurso é proferido normalmente após essa etapa.

De uma maneira geral, ainda que o objetivo do discurso de posse seja apresentar as proposições para um determinado mandato, a verificação de sua veracidade, ou não, ao fim de tal mandato raramente é feita. Mesmo sendo vinculado em diferentes veículos e suportes, as composições lexicais e formais do discurso de posse atendem a um público muito restrito. É, como afirma BARROS (2010), um gênero argumentativo, e as suas composições linguísticas visam atender a esse objetivo. Já para Constancio; Schlee (2021, p.152-153),

o discurso de posse é um gênero textual pertencente aos contextos de cultura político e jurídico. Portanto, tem uma estrutura potencial enquanto gênero, circunscrita ao uso de uma linguagem ultraformal/monitorada e, por vezes, relacionada ao aspecto da polidez excessiva e do uso da força retórica para organização do seu dizer. [...]Uma característica bastante peculiar do gênero discurso de posse é fato de ser planejado no âmbito da escrita.

Evidente que o grau de polidez e formalidade utilizado no discurso de posse acentua-se mais ou menos a depender do grupo social representado pelo empossado. Ainda assim, permanece um grau de formalidade na elaboração escrita desse discurso, representada no léxico, na carga retórica, nos verbos, advérbios etc que são comuns aos mais variados discursos. No caso dos discursos de posse, como o de governador, por exemplo, é destinado teoricamente ao povo, mas, de fato, é proferido para os membros da Assembleia Legislativa, inclusive com citação explícita no próprio texto do discurso a estes entes. Há generalizações históricas, por vezes citações, num rito de formalidade, cobrança de responsabilidades e compromissos assumidos (e quase nunca cumpridos). No próximo ponto, analisamos os discursos de posse que compõem o corpus deste trabalho, em seu aspecto sócio-histórico. Observando-os interindividualmente, verificamos como a situação política do país teve reflexos nos discursos de posse.

⁴ Dos poucos estudos encontrados para a elaboração deste trabalho, a maioria baseia suas análises no campo da Análise do Discurso.

3. A contextualização histórico-político

Neste tópico, vamos analisar em que situação, em que conjuntura os discursos de posse que compõem o *corpus* deste trabalho foram produzidos e proferidos. Os discursos analisados representam 24 anos da História recente do Brasil, possuindo um intervalo de 8 anos do primeiro discurso para o segundo, e de 16 anos do segundo para o terceiro; esse contexto sócio-histórico vemos refletidos nos discursos de posse analisados. Iniciaremos pelo discurso de posse de Miguel Arraes de Alencar, proferido no dia 31 de janeiro do agitado ano de 1963.

3.1 A posse de Miguel Arraes em 1963 – A efervescência política materializada no discurso

Quando Miguel Arraes de Alencar, nascido no município de Araripe-CE, proferiu seu discurso de posse na Assembleia Legislativa de Pernambuco, no dia 31 de janeiro de 1963, o Brasil passava por um processo de polarização política intenso. Vivíamos no contexto mundial sob a égide da Guerra Fria, protagonizado pela disputa econômica, política e ideológica entre os Estados Unidos da América do Norte (EUA), por um lado, e pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), por outro.

No Brasil, o presidente João Goulart acabara de retomar os poderes presidenciais com o fim do Parlamentarismo, instituído em 1961, após a renúncia de Jânio Quadros, numa tentativa de enfraquecer o governo Jango. Um Referendo antecipado de 1965 para 1963, decidiu pela retomada do Presidencialismo no Brasil, esse tensionamento levou ao golpe cívico-militar de 1964.

Considerado o grande representante da esquerda pernambucana, vindo de uma eleição popular, Arraes reflete, em seu discurso de posse, esse contexto político-histórico; ele se coloca como o próprio agente do processo político em curso. Contextualiza também o Nordeste dentro desse cenário, e Pernambuco, como impulsionador dentro do Nordeste. Chama a atenção a utilização do termo povo, não só pela quantidade que essa palavra é utilizada, mas pelas diferentes qualificações atribuídas a ela. Outro termo que reflete o contexto social do discurso é Revolução brasileira. Vejamos alguns trechos,

Apresento-me nesta Casa investido da mais alta honra a que pode aspirar **um homem do povo como eu**: investido, por força da vontade expressa livre e conscientemente pelo **povo** de Pernambuco, da responsabilidade de governar o Estado[...]Eu não tenho, como não têm Vossas Excelências, o direito de ignorar que, pelo menos historicamente, a era do **indiferentismo** e do faz-de-conta já acabou; **os tempos agora são outros**, e não é preciso ser profeta para entender o dia de ontem e o de hoje. Vivemos hoje um tempo brasileiro, marcado nem de pessimismo nem de otimismo, nem de desencanto nem de ilusão, mas da vontade de fazer e de trabalhar, da

determinação de descobrir, de estudar, de planejar, de construir. O processo de mudança, de que somos autores e atores, caracteriza esse tempo. **A revolução brasileira**, de que tanto se fala, é o projeto nacional que dá sentido e confere dignidade à condição de político, de militar, de administrador, de governante, de intelectual, de cidadão no Brasil dos nossos dias. (ARRAES, 1963, p.1- grifo nosso)

No trecho citado acima, Arraes não se coloca apenas como representante do povo, e sim parte dele, reitera a importância dessas transformações, sintetizada, no que ele denomina, processo da revolução brasileira, por ele identificada como sendo o projeto nacional de mudanças em curso naquele momento, como vemos a seguir,

O sentido de nossa luta foi esse. E por isso é que a nossa vitória eleitoral pode ser considerada uma contribuição do povo pernambucano à renovação de nosso processo político e administrativo. Ela deve, também, ser entendida como advertência aos que ainda se mostram hesitantes, os que ainda não entenderam, ou preferem não entender, a **significação e o sentido da revolução brasileira**[...]Esse conceito novo de liberdade de nosso povo está aprendendo, na prática da revolução por ele iniciada. Em essência, a **Revolução Brasileira** é a luta do **povo** brasileiro pela conquista dessas liberdades. Nós todos já sabemos que não pode haver liberdade concreta para o cidadão, sem as liberdades sociais, econômicas e políticas. A liberdade é um poder que libera o homem. (ARRAES, 1963, p. 6 - grifo nosso)

Nesse discurso de posse, Arraes expressa o polarizado contexto sócio-histórico que vivíamos no estado de Pernambuco, no Nordeste, no Brasil e no Mundo, naquele momento. Em relação ao Nordeste destaca,

[...] Já não é mais possível, a quem quer que seja, pensar no Nordeste como uma abstração, ou uma realidade apenas numérica e estatística, a fornecer dados para um mentiroso eruditismo de discurso ou de ensaio. As taxas e os índices apenas traduzem uma realidade econômica, política e social, cuja conservação, por omissão ou ação, constitui crime que o povo brasileiro já conceituou e punirá mais cedo ou mais tarde [...] (ARRAES, 1963, p.2)

Ainda na contextualização sócio-histórica, Arraes finaliza chamando mais uma vez a atenção para revolução brasileira em curso e para o protagonismo de Pernambuco e do Recife destaca,

No Brasil de hoje, como em qualquer outro país em atraso, as lutas sectárias têm de ser evitadas; no processo da **revolução brasileira** devem participar todos aqueles realmente interessados na superação da miséria e do atraso. Temos condições para formar ampla frente, que inclua a maioria dos brasileiros, evitando as divisões em torno de falsas posições teóricas. [...] Mas é preciso não esquecer que alguns são prementes, de solução urgente, inadiável, como a fome [...]. Uma dessas áreas é o

Nordeste, que tem o seu epicentro em Pernambuco e, por que não dizer, nesta antiga cidade do Recife. (ARRAES, 1963, p. 2grifo nosso)

Miguel Arraes não terminou seu mandato, fora cassado, mas retornou 24 anos depois para dar continuidade a essa “luta” em outro contexto político-histórico. Até lá amargaríamos 20 anos de Ditadura cívico-militar, que custou a vida de centenas de brasileiros que incansavelmente lutaram pela Democracia em nosso país. No próximo item, vamos analisar o contexto sócio-histórico em que se deu o discurso de posse de Eraldo Gueiros Leite.

3.2 Eraldo Gueiros e o apogeu da ditadura cívico-militar no Brasil

A polarização social vivida, anos antes, infelizmente provocou um desfecho trágico para a sociedade brasileira, em 31 de março de 1964, um golpe militar instituiu um regime de exceção que durou 20 anos. Hoje, sabemos que a ditadura não foi apenas uma investida da caserna, contou com apoio civil e foi patrocinada diretamente pelo governo dos EUA.⁵

A posse de Eraldo Gueiros Leite, ocorrida no dia 15 de março de 1971, se deu no auge da Repressão no Brasil, o contexto histórico desse discurso, nos fez defini-lo como um dos escolhidos para compor o corpus deste trabalho. Representante de uma família tradicional oriunda de Canhotinho, interior de Pernambuco, Gueiros Leite possuía o perfil ideal para assumir, de maneira indireta e biônica, o governo de Pernambuco, era totalmente subserviente ao regime, um legítimo representante da oligarquia pernambucana. Da polarização política, ao Estado de Exceção, em oito anos, o contexto político se alterou profundamente, e essas mudanças se refletem no fraco discurso proferido por Gueiros no ato de sua posse.

Ao contrário do discurso de Arraes que se apresenta como parte do povo e utiliza esse substantivo como base fundamental da construção de seu discurso de posse, a palavra povo quase não é utilizada por Gueiros. De uma perspectiva de mudanças presente com eloquência no discurso de posse de Arraes, passamos a um discurso de muita exaltação pessoal. O discurso já se inicia assim, como podemos verificar a partir do que se segue,

Venho da Faculdade de Direito. Muitos anos passados, também saí de lá, jovem, vaidoso do meu diploma, na ânsia de combinar os olhos dos homens e da história a

⁵ Segundo o relatório da Comissão Estadual da Verdade do Estado de SP, o golpe militar contou com a participação direta de entidades Cívicas, como a Federação das Indústrias do Estado de S. Paulo (FIESP). Em relação à participação do governo dos EUA no processo ver: ANN, Jenifer; URBIN, Emiliano. O papel do EUA no golpe de 1964. **Super Interessante**. São Paulo, 10 de Out. de 2018. Disponível em; <https://super.abril.com.br/especiais/averdadeira-participacao-dos-eua-no-golpe-de-64/>. Acesso em: 06/04/2023.

palavra e a inteligência, dando-lhes sentimento moral e ético, para afirmar-me no conceito dos concidadãos. Venho da Faculdade de Direito. Muito tempo atrás, as suas portas despediram-se de mim, quando busquei, certo de minhas carências de haveres e qualidades, acalantar os sonhos dos que me fizeram a vida, cumprir meus deveres de cidadão, realizar-me com os que são – mais diretamente, - tôda uma dedicação de vida.[...]Venho da faculdade de Direito. Ali fui buscar tôda uma indignação do civismo e devoção à legalidade[...]Fui à Faculdade de Direito condensar tôda uma convivência, aquela que me dá condição de dizer a Pernambuco: estou pronto [...] (LEITE, 1971, n°61, p.1588- grifo nosso)

Em Consonância com esse perfil, em relação ao papel de Pernambuco, liga-o aos acontecimentos do país, os quais reverencia,

Na história da Faculdade de Direito identifico o espírito de devotamento à Pátria; encontro as **desvanecedoras** antecipações de Pernambuco; reanimo a vaidade de destemor recifense, complementado pela sabedoria dos homens do Interior; dou as mãos ao meu País de jovens, à gente brasileira que, amparada no espírito dominante após 1964, alterou a conceituação antiga das distâncias e das dificuldades, tornando-a uma relação intolerável. Porque, o desenvolvimento já não é um campo de observação para os brasileiros, mas um terreno de experimentação, formulação e realização concretas.(LEITE, 1971, n°61, p.1589 grifo nosso)

Essa é a característica presente em praticamente todo o discurso, um desafio pessoal para o qual o discursante afirma estar pronto. Ainda sobre o contexto sócio-histórico, o discurso climatiza-se com a característica atribuída por Gueiros ao povo pernambucano e com a exaltação ao Ditador da época,

No passado era o mocambo; no futuro haverá de ser sômente a casa, decentemente a casa, cenário para **um povo ordeiro, respeitador dos postulados legais e ideológicos** que no presente libertaram-nos de desvios exóticos.[...]É êste o exemplo em favor da obra revolucionária⁶ que Pernambuco oferecerá ao Brasil, pelos que ficam aqui e pelos eminentes Senadores e Deputados que em Brasília, complementam nosso esforço. Como que nos imanta a figura singular do Presidente Emilio Garrastazu Médici, paradigma para o estadista, confiança de brasileiro, certeza de construção, paz e prosperidade. [...] (LEITE, 1971, n°61, p.1589-grifo nosso)

A citação acima resume o contexto sócio-histórico em que foi proferido o discurso de posse de Eraldo Gueiros. Teríamos pela frente mais 14 anos de Ditadura no Brasil e sucessivos governos biônicos como o de Gueiros. As primeiras eleições livres e diretas para cargos executivos no Brasil só viriam a ocorrer em 1982, justamente para o cargo de governador. Em Pernambuco, foi eleito, pelo PDS, Roberto Magalhães, porém, o primeiro governo eleito em

⁶ O emprego da palavra revolucionária aqui tem um significado totalmente diferente do proferido por Miguel Arraes, uma vez que equivocada e propositadamente os defensores da Ditadura Cívico-militar do Brasil chamam o Golpe de Estado de Revolução

Pernambuco, pós o término da Ditadura em nosso país, foi Miguel Arraes. O discurso de posse de seu retorno ao governo de Pernambuco, em 1987, será o próximo ponto de nosso trabalho.

3.3 O Discurso de posse de Miguel Arraes em 1987: o início da redemocratização

Fora a redenção deste personagem singular da História pernambucana, 24 anos depois de ter seu mandato cassado pela Ditadura cívico-militar, tomava posse, pela segunda vez como Governador de Pernambuco, Miguel Arraes de Alencar. Pela sua relevância e pelo momento histórico em que vivíamos naquele momento, esse discurso de posse, proferido em 15 de março de 1987, foi um dos escolhidos para compor o corpus desse trabalho.

Essa característica de continuidade, de retomada se faz presente no decorrer de todo o discurso. Outro elemento importante: o resgate da palavra povo presente no discurso de 1963 é reiterado no de 1987. Logo no início do discurso, temos o resgate citado acima,

Quando, de outra feita aqui estive, nos idos de 1963, acentuava que a vitória das forças populares, na época, era devido a fatos novos, a uma participação mais ativa e mais ampla do povo no processo de estruturação do País, desta nação brasileira. Hoje, fatos semelhantes aqui nos trazem, a despeito do tempo decorrido e dos acontecimentos que o permearam, estabelecendo mudanças que cabe ter em conta, juntamente com problemas sociais que se agravaram de então para cá. (ARRAES, 1987, n° 50, p. 2)

Mais uma vez, Arraes procura, em seu discurso, trazer para a realidade de Pernambuco a polarização política mundial, como vemos no trecho a seguir,

Dois fatos igualmente importantes, e aparentemente contraditórios, podem caracterizar o mundo de hoje em dia. De um lado, as tentativas de entendimento e de coexistência num mundo dividido em dois blocos, em dois sistemas de vida, em duas filosofias: de outro lado, a obstinada luta pela autodeterminação e pela emancipação que travam os povos atrasados e subdesenvolvidos, subjugados econômica e politicamente às mais variadas formas de colonialismo [...] (ARRAES, 1987, n° 50, p. 2)

O contexto sócio-histórico em que vivíamos no estado de Pernambuco, no Nordeste, no Brasil e no Mundo, principalmente a partir da redemocratização é retratado,

Há, seguramente, modificações no quadro político: **uma nítida tendência ao isolamento das formas mais reacionárias**, incompatíveis até com o arejamento da mentalidade de parcela das elites civis, militares e religiosas e com o avanço democrático conquistado pelo povo. Mas as forças retrógradas estão presentes, por vezes disfarçadas de democráticas, defendendo a democracia com um falso ardor que ultrapassa, na aparência, o ardor verdadeiro dos que por ela se sacrificaram. Elas

continuam a utilizar o que lhes resta de poder, no mesmo jogo de influência do período autoritário, com vistas à manutenção dos grandes interesses a que sempre serviram. (ARRAES, 1987, n° 50, p. 2-grifo nosso)

Arraes mais uma vez (assim como em 1963) fala da situação do Nordeste e de Pernambuco, dentro da contextualização sócio-histórica de seu discurso,

Atingido fortemente pelo modelo econômico imposto ao País, Pernambuco perdeu mais, economicamente, do que outros Estados da Região, dadas a identidade problemas a enfrentar. Nem por isso, tal como o Nordeste em relação ao Brasil, pretendemos mais do que a equidade que nos é devida, quebrando-se a decadência e o isolamento a fomos relegados. (ARRAES, 1987, n° 50, p. 2)

Por fim, nos trechos finais de seu discurso de posse de 1987, Arraes cita seu discurso de 1963, simbolizando a redenção, a continuidade do que lhe fora tirado pelo Golpe,

[...] Continuaremos a lutar contra a intolerância e pela união dos homens de boa vontade, honrando as nobres tradições de nossa gente. Sempre procuraremos ser fiéis a essas tradições e, por isso, acredito ter agora o direito de repetir o que disse em 1963. *“Ninguém é mais herdeiro das tradições do nosso passado que o próprio povo: mas herdeiro daquela autêntica e legítima tradição pernambucana e nordestina; tradição de trabalho, de resistência ao invasor, de luta pela independência; tradição da bravura, da coragem e do heroísmo de que deram prova brancos, negros e índios, senhores e escravos, militares, comerciantes e sacerdotes, de que deu prova o povo do Nordeste, o povo de Pernambuco. Nós somos herdeiros dessa tradição, admiramos e respeitamos os monumentos que a documentam, mas detestamos o culto da miséria, que se pratica através de um falso culto do passado. Nós não temos os olhos presos ao passado, não temos saudade do passado. Guardamos dele aquilo que nos ajuda a ampliar nossas perspectivas, todas elas projetadas no futuro. E o futuro, para o brasileiro atual, para o pernambucano que me escuta, é logo depois de agora, é cada dia que amanhece. A única diferença está em que cada dia amanhecerá inevitavelmente, quer queiramos quer não; mas o nosso futuro, o futuro de povo livre e emancipado econômica e politicamente, esse nós teremos que merecer, que conquistar a cada hora e a cada dia. E só nos será possível merecê-lo e conquistá-lo com trabalho e mais trabalho, com sacrifício e mais sacrifício. Sei que o povo de Pernambuco está disposto a isso, que não nos falta disposição para isso. E foi por isso e para isso que ele me colocou no governo. Por isso é que aqui me apresento, senhores representantes do povo, para pedir a todos, para pedir ao povo que se dedique ao trabalho e que me ajude a trabalhar. Acredito ter tudo o que um homem precisa ter para o trabalho”* (ARRAES, 1987, n° 50, p. 2)

Uma vez contextualizados, em suas circunstâncias políticas e sócio-históricas, os discursos de posse estudados neste trabalho, passaremos agora a identificar suas composições os traços de TD presentes.

4. As características da TD presentes nos discursos analisados

A existência dos discursos de posse, dada a sua historicidade, compõe uma TD, a análise do *corpus* demonstra alguns traços de TD, uma vez que se baseia em uma amostra pequena de apenas três discursos. Vamos analisar aqui 03 dimensões: a organização retórica, o conteúdo temático e o modo de dizer. Iniciamos pela organização retórica.

4.1 Organização retórica

A estrutura organizacional do texto, como se inicia, as saudações, os agradecimentos, diretrizes, o encerramento dos discursos, são exemplos de organização retórica, essas características, apesar das diferenças político-ideológicas entre eles, se apresentam em ambos os discursos analisados. Nesse trabalho, chamaremos de Discurso 1 – Posse de Miguel Arraes em 31 de janeiro de 1963; Discurso 2 – Posse de Eraldo Gueiros em 15 de março de 1971; Discurso 3 – Posse de Miguel Arraes em 15 de março de 1987, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 1: Organização retórica dos discursos de posse

Organização Retórica	Discurso 1	Discurso 2	Discurso 3
Apresentação do Discurso	(1A) <i>Discurso de posse no cargo de Governador de Pernambuco, pronunciado no Recife, perante a Assembléia Legislativa, a 31 de janeiro de 1963.</i> (ARRAES, 1963, p. 1)	(1B) <i>Formulado o compromisso juramental, o novo Governador saudou a Assembléia, as autoridades e o povo pernambucanos[...]</i> (LEITE, 1971, n° 61, p. 1588)	(1C) <i>Discurso proferido pelo excelentissimo[...]</i> Dr.Miguel Arraes de Alencar, no dia 15 de março de 1987, quando de sua posse ao cargo do governo do estado de Pernambuco[...](ARRAES, 1987,n° 50, p. 2)
Saudações	(2A) <i>[...] Apresento-me nesta Casa investido da mais alta honra a que pode aspirar um homem do povo como eu: investido, por força da vontade expressa livre mais alta honra a que pode aspirar um homem do povo como eu: investido, por força da vontade expressa livre e conscientemente pelo povo de Pernambuco, da responsabilidade de governar o Estado</i> ((ARRAES, 1963, p. 1)	(2B) <i>Venho da Faculdade de Direito.[...] também saí de lá, jovem, vaidoso do meu diploma, [...] dando-lhes sentimento moral e ético, para afirmar-me no conceito dos concidadãos.</i> (LEITE,1971 ,n°61,p.1588)	(2C) <i>[...] Quis o povo que novamente viesse me apresentar nesta Casa, investido da mais alta honra[...]</i> investido, pela vontade livre de seus concidadãos(ARRAES, 1987,n° 50, p. 2)

Diretrizes	<p>(3A) <i>Agora é o tempo de agir, de fazer, de enfrentar a dura realidade, que é a nossa, para compreendê-la e modificá-la. [...] Por isso mesmo, a filosofia da revolução que o povo brasileiro está fazendo deve e tem de ser um humanismo autenticamente brasileiro[...]</i> (ARRAES, 1963, p. 1)</p>	<p>(3B) [...] <i>Suas palavras evocam nascedouro dos seus sentimentos éticos e morais[...]. Suas palavras também valem por uma definição de governo[...]</i> Aceitei ser Governador [...] <i>porque êste é o pôsto de maiores deveres[...]</i> (LEITE, 1971, n° 61, p. 1589)</p>	<p>(3C) [...] <i>Reconhecer e aceitar, sem preconceitos, a realidade, por dura que seja é o único caminho válido para a solução dos nossos problemas.</i> (ARRAES, 1987, n° 50, p. 2)</p>
Fechamento	<p>(4A) [...] <i>mas o nosso futuro, o futuro de povo livre e emancipado econômica e politicamente, esse nós teremos que merecer, [...] e conquistá-lo com trabalho e mais trabalho, com sacrifício e mais sacrifício. Sei que o povo de Pernambuco está disposto a isso. [...] E foi por isso e para isso que ele me colocou no governo. Por isso é que aqui me apresento, senhores representantes do povo, Acredito ter tudo o que um homem precisa ter para o trabalho[...]</i> (ARRAES, 1963, p. 8)</p>	<p>(4B) [...] <i>Orgulho-me do confortador aplauso dos conterrâneos às minhas escolhas: a do meu Vice-Governador Barreto Guimarães, [...] da seleção de políticos e técnicos componente do quadro de meus auxiliares diretos. Também por isto é que estou aqui, desejoso de começar um trabalho em que cada jornada nos encontre, ao Governador e aos pernambucanos, rigidamente identificados, a fim de que êste período administrativo, escapando a perspectiva de um mero lapso de tempo, se aqueça na perspectiva da melhor História. Para servi-lo, Pernambuco, estou pronto".</i> (LEITE, 1971, n° 61, p. 1589)</p>	<p>(4C) [...] <i>Tenho o que tinha antes agora acrescido do que me deu a vida, por complicados caminhos, ao levar-me para outras terras onde tentei largar minha concepção de mundo. Carrego com muita honra essas marcas do destino. Como disse o poeta pernambucano: "Sou um homem marcado</i> <i>Mas esta marca temerária. Entre as cinzas das estrelas. Há de um dia se apagar"</i> (ARRAES, 1987, n° 50, p. 2)</p>

Nos fragmentos expostos acima, podemos observar que embora os dizeres não sejam idênticos remetem a uma mesma organização retórica. “Uma TD não é sempre um texto repetido sempre da mesma maneira, pode ser também uma forma textual ou uma combinação particular de elementos” (KABATEK, 2006, p.514) escrita em distintos momentos (historicidade dos textos) e em contextos sócio-políticos bem diferentes, expressando, desta maneira, marcas de uma TD.

No primeiro item do quadro, a Apresentação, notamos que, em linhas gerais, mantém-se uma mesma estrutura, ou seja, um discurso apresentado aos representantes do povo na figura da Assembleia Legislativa, com a data do ocorrido. Essa é uma marca importante, que está expressa nos itens em negrito, vejamos:

(1A)[...] *perante a Assembléia Legislativa, a 31 de janeiro de 1963*

(1B) [...] *saudou a Assembléia, as autoridades e o povo pernambucanos[...]*

(1C) [...] *Discurso proferido pelo excelentissimo[...] Dr.Miguel Arraes de Alencar, no dia 15 de março de 1987.*

Em seguida, temos as saudações, vemos nesse item que também compõe a organização retórica dos discursos de posse traços de TD, seguem um rito, inclusive com a repetição de algumas palavras (em negrito):

(2A) [...] *Apresento-me **nesta Casa** investido da mais alta honra[...]conscientemente pelo povo de Pernambuco, da responsabilidade de **governar o Estado**[...]*

(2B) [...] *Venho da Faculdade de Direito.[...]dando-lhes sentimento moral e ético, para afirmar-me no **conceito dos concidadãos**.*

(2C) [...] *Quis o povo que novamente viesse me apresentar **nesta Casa**,[...] pela vontade livre de seus **concidadãos**, da responsabilidade de **governar Pernambuco**.*

O fato dos discursos 1 e 3 serem da mesma pessoa torna-os ainda mais parecidos, mas vemos as repetições também no discurso 2, proferido por outra pessoa, em outro momento histórico, expondo, dessa maneira, os traços de TD no item saudações da organização retórica. Em seguida, ainda na organização retórica, temos as diretrizes e o fechamento dos discursos, onde vemos os traços de TD presentes:

(4A)[...] ***Acredito** ter tudo o que um homem precisa ter para o trabalho*

(4B)[...] *aqueça na perspectiva da melhor História. Para **servi-lo**, Pernambuco, estou pronto”.*

(4C)[...] ***Carrego** com muita honra essas marcas do destino.*

No caso, a autoafirmação que fazem de que estão à altura da tarefa que acabaram de assumir fecha os discursos. Esse roteiro compõe a organização retórica desses discursos de posse analisados no *corpus* deste trabalho. A próxima categoria que analisaremos diz respeito ao conteúdo temático dos discursos.

4.2 Conteúdos Temáticos

Antes de iniciarmos a análise sobre essa categoria, é importante reiterar que quando estamos falando de conteúdos temáticos, não nos referimos aos posicionamentos político-ideológicos expressos nos diferentes discursos, nota-se sob esse viés diferenças substanciais, não só pelos diferentes períodos históricos em que foram escritos, mas pelos agentes que os proferiram.

Como sabemos, cada texto é único, os discursos não são cópias uns dos outros, repetidos a cada posse, refletem, sim, o posicionamento dos seus autores. O Conteúdo temático que observamos, portanto, diz respeito enquanto marcas de TD que se assemelham nos textos analisados, levando em conta Kabatek (2006, p.510), quando diz que,

O traço definidor das TD é, então, a relação de um texto em um momento determinado da história com outro texto anterior: uma relação temporal com repetição de algo. Esse “algo” pode ser a repetição total do texto inteiro, como no caso da fórmula “bom dia”, mas também pode ser apenas a repetição parcial ou ainda a ausência total de repetição concreta e unicamente a repetição de uma forma textual, como, por exemplo, no caso de dois sonetos, ligados por uma tradição mesmo quando não contêm nenhum elemento concreto em comum

Então, buscaremos, sob essa perspectiva, analisar o conteúdo temático dos discursos, levando em conta alguns de seus elementos: a análise da conjuntura, os compromissos firmados, propostas apresentadas, dados estatísticos, críticas. Assim, como no item anterior, chamaremos de Discurso 1 – Posse de Miguel Arraes em 31 de janeiro de 1963; Discurso 2 – Posse de Eraldo Gueiros em 15 de março de 1971; Discurso 3 – Posse de Miguel Arraes em 15 de março de 1987, buscaremos identificar nos fragmentos, traços de organização temática comuns, como podemos ver no quadro a seguir:

Quadro 2: Conteúdos Temáticos dos discursos de posse

Conteúdo Temático	Discurso 1	Discurso 2	Discurso 3

Análise de Conjuntura	<p>(5A) [...]Dois fatos igualmente importantes, e aparentemente contraditórios, podem caracterizar o mundo de hoje em dia. De um lado, as tentativas de entendimento e de coexistência num mundo dividido em dois blocos, em dois sistemas de vida, em duas filosofias: de outro lado, a obstinada luta pela autodeterminação e pela emancipação que travam os povos atrasados e subdesenvolvidos, [...] (ARRAES, 1963, p. 2)</p>	<p>(5B) [...] dou as mãos ao meu País de jovens, à gente brasileira que, amparada no espírito dominante após 1964, alterou a conceituação antiga das distâncias e das dificuldades, tornando-a uma relação intolerável. Porque, o desenvolvimento já não é um campo de observação para os brasileiros, mas um terreno de experimentação, formulação e realização concretas. (LEITE, 1971, n° 61, p. 1589)</p>	<p>(5C) [...]O mundo continua palmilhado de guerras contra-revoluções, como os que enfrentam os países recém-libertados de língua portuguesa ou a Nicarágua, submetidos à continua retaliação das forças obscurantistas do mundo[...] Há, seguramente, modificações no quadro político: uma nítida tendência ao isolamento das formas mais reacionária, [...] (ARRAES, 1987, n° 50, p. 2)</p>
Dados Estatísticos da realidade local	<p>(6A) [...]Somos nós o Nordeste, essa região dentro da qual caberiam juntos países como a França, Portugal, Bélgica, Itália, porém que apresenta um dos mais baixos índices de vida do mundo; dentro da qual vivem 23 milhões de brasileiros[...]om os seus 800 mil habitantes, possui apenas 74 mil edificações de alvenaria e cimento armado, [...] (ARRAES, 1963, p. 5)</p>	<p>(6B)</p>	<p>(6C) [...]Em nossa região vivem 30 por cento da população brasileira; [...]45 por cento das habitações subumanas; 53 por cento da população com carência alimentar superior a 200 calorias por dia; 45 por cento dos trabalhadores com rendimento até um salário mínimo e 54 por cento dos que recebem até meio salário mínimo [...] (ARRAES, 1987, n° 50, p. 2)</p>
Compromissos	<p>(7A) [...] Tempo de fazer do homem brasileiro - o que morre de fome nas secas do Nordeste e o que vive subnutrido e doente nas grandes concentrações urbanas, o que é vítima das endemias que matam lentamente e o que se desespera por não poder dar aos filhos - água e pão - fazer desse homem brasileiro o centro de todas as preocupações, [...] (ARRAES, 1963 p. 2)</p>	<p>(7B) [...]o espírito de devotamento à Pátria; encontro as desvanecedoras antecipações de Pernambuco; reanimo a vaidade de destemor recifense, complementado pela sabedoria dos homens do Interior; [...]Que o crepúsculo não trafegue em nosso meio. Eu vos prometo o melhor de mim. Eu vos pedirei o melhor de vós. [...] (LEITE, 1971, n° 61, p. 1589)</p>	<p>(7C) [...]Nosso propósito é do atuar de forma harmônica com os demais Estados, sobretudo do da nossa Região, dada a identidade de problemas a enfrentar. Para isso, temos que unir nosso povo e seus representantes, todos os que desejam lutar pela solução dos problemas que afligem nossa gente. [...] (ARRAES, 1987, n° 50, p. 2).</p>

Propostas	<p>(8A) [...] No caso do Nordeste, é urgente resolver a questão agrária.[...]Se não formos capazes de modernizar a nossa agricultura,[...]pelo estabelecimento de adequado nível de capitalização e pela fixação de salários dignos e capazes de possibilitar ao nordestino as condições indispensáveis ao manuseio das técnicas modernas de produção[...] temos de fazer milhares e milhares de outras escolas,[...]o povo deve debater amplamente o problema da habitação popular[...] (ARRAES, 1963, p. 7)</p>	<p>(8B) [...]haveremos de encontrar solução definitiva para[...] nova destinação industrial; que combine[...] às exigências de progresso tecnológico e de modernização das estruturas produtivas tradicionais.[...]a evolução dos setores agro-pecuário e industrial como a implantação regional de um Núcleo da Ciência e da Tecnologia,[...] a implantação das estradas vicinais – rodovias de ligação e alimentadoras da rêde básica[...](LEITE, 1971,n° 61, p. 1589)</p>	<p>(8C) [...] a acelerada concentração de riquezas, feita internamente em benefício de uma ínfima minoria, agravou as questões sociais – como o desemprego, o déficit de alimentação, moradia, educação, saúde e transporte[...] equidade na distribuição dos recursos nacionais, direito de que devem desfrutar todos os Estados e regiões[...] (ARRAES, 1987,n° 50, p. 2)</p>
-----------	---	--	---

Notamos que nos discursos que compõem o *corpus*, o conteúdo temático se assemelha, confirmando os traços de TD presentes na amostra. Vemos isso ao analisarmos os itens do conteúdo temático expostos nesta amostra.

A) Análise de Conjuntura: nos três discursos de posse os proferidores fazem uma análise da conjuntura política, que, segundo eles, perpassa o Estado no momento da posse, situando esse item como parte do conteúdo temático, um traço recorrente na tradicionalidade do gênero.

Observemos:

(5A) [...]Dois fatos [...] podem caracterizar o mundo de hoje em dia. De um lado, as tentativas de entendimento e de coexistência num mundo dividido em dois blocos, [...] de outro lado, a obstinada luta pela autodeterminação e pela emancipação que travam os povos atrasados e subdesenvolvido [...]

(5B) [...] dou as mãos ao meu País de jovens, à gente brasileira que, amparada no espírito dominante após 1964, alterou a conceituação antiga das distâncias e das dificuldades [...]

(5C) [...]O mundo continua palmilhado de guerras contra-revoluções, como os que enfrentam os países recém-libertados de língua portuguesa ou a Nicarágua [...]

B) Dados estatísticos da realidade local: Uma diferença de 24 anos separa os dois discursos de Arraes analisados neste trabalho, e, em ambos, o conteúdo temático é permeado por dados estatísticos da realidade, fica claro que existe aqui uma exposição da realidade na qual pretende intervir. Vale ressaltar que não se verificaram dados estatísticos no Discurso 2. Acreditamos, no entanto, que esse seja um traço recorrente de conteúdo temático, uma vez que os governantes procuram demonstrar conhecimento da realidade onde atuarão, mas, devido ao tamanho reduzido da amostra trabalhada, não é possível fazer generalizações. Por isso, vemos como

importante outros estudos com *corpus* mais robusto para confirmação plena desse traço recorrente nesta amostra.

C) Compromissos: neste item do conteúdo temático são abordados os compromissos no âmbito geral assumidos pelos empossados, como veremos nos fragmentos dos trechos citados:

(7A) [...] Agora é o tempo de agir, de fazer, de enfrentar a dura realidade, que é a nossa [...]

(7B) [...] Eu vos prometo o melhor de mim. Eu vos pedirei o melhor de vós. [...]

(7C) [...] Nosso propósito é do atuar de forma harmônica com os demais Estados, sobretudo do da nossa Região

Nota-se que nos três discursos usa-se o recurso de compromissos gerais, amplos.

D) Propostas: Nesse item do conteúdo temático, diferentemente dos compromissos, é a parte dos discursos de posse onde os proferidores fazem propostas mais concretas; materializam, de certa maneira, os compromissos em alguns pontos específicos, vejamos:

(8A) [...] No caso do Nordeste, é urgente resolver a questão agrária. [...] o povo deve debater amplamente o problema da habitação popular[...]

(8B) [...]implantação regional de um Núcleo da Ciência e da Tecnologia[...]implantação das estradas vicinais – rodovias de ligação e alimentadoras da rede básica[...]

(8C) [...]o desemprego, o déficit de alimentação, moradia, educação, saúde e transporte[...]

Partiremos agora para o estudo da última categoria de análise proposta neste artigo: o modo de dizer dos discursos de posse a partir da utilização dos advérbios de modo como elementos argumentativos.

4.3 Os Modo de dizer dos discursos de posse: os advérbios de modo e seu papel na construção argumentativa nos discursos de posse

O gênero discurso de posse, como vimos, é por natureza argumentativo. Os proferidores utilizam vários elementos linguísticos com o objetivo de fortalecer, realçar seus argumentos; a utilização desses elementos acaba configurando um modo de dizer específico, que se repete, constituindo, dessa maneira, outro traço de TD.

Um dos elementos desse modo de dizer utilizados nessa esfera argumentativa é o uso constante dos advérbios na composição dos discursos de posse, em especial os advérbios de modo. Segundo Ferreira (2007, p.293), “o advérbio exerce basicamente o papel de modificador do verbo”, o mesmo Ferreira (2007, p. 293) conceitua que “Advérbio é uma palavra invariável que se relaciona ao verbo para indicar as circunstâncias (de tempo, de lugar, de modo, etc) em que ocorre o fato verbal.”

Segundo a definição citada acima, temos vários tipos de advérbio, uma vez que vai depender da modificação que dará ao verbo para utilização de um ou outro advérbio, por exemplo no trecho a seguir extraído do discurso de Arraes (1987, nº 50 p. 2 -grifo nosso) “Ela se firma na necessidade de expressão, sendo, **assim**, por definição, imbatível”, temos um advérbio de modo que indica a forma como aconteceu algo, reforçando os elementos argumentativos, segundo Saraiva (1983, p.76)

As gramáticas tradicionais do português conceituam os advérbios como palavras modificadoras do verbo, do adjetivo e de outro advérbio. Dos papéis que estas palavras podem desempenhar nas orações, só nos interessa aqui o de 'modificadoras de verbo'. Neste caso, elas expressam as várias circunstâncias que se podem acrescentar à significação verbal, dentre as quais está incluída a de modo. Portanto, o advérbio de modo seria aquele elemento que exprime a maneira como o processo verbal se realiza.

Mesmo que o foco de nosso estudo seja o uso dos advérbios enquanto uma marca de TD, no *corpus*, acreditamos importante salientar que outras vertentes vêm procurando redimensionar o papel e a importância dos advérbios, neste aspecto temos Castilho (2000, p.151),

As análises lingüísticas sobre os advérbios são relativamente recentes, e aqui serão lembrados apenas alguns autores. Jackendoff (1972, p.47-107) desenvolve uma abordagem semântica, propondo três classes de advérbios: (i) os de modo, que modificam a significação do verbo e funcionam como predicadores de um predicador, (ii) os advérbios orientados para o sujeito, que funcionam como predicadores de dois argumentos, e (iii) os advérbios orientados para o falante.

Vemos aqui uma proposta de expansão quanto ao papel dos advérbios. Ainda nessa vertente, [...] “reconheceu-se que os Advb "não constituem uma classe homogênea, mas pelo menos um conjunto, de expressões que funcionam de maneira sensivelmente semelhante” (CASTILHO apud ILARI, 1990, p78)

Entre exemplos de advérbios de modo podemos citar as expressões: bem, mal, assim, melhor, pior, depressa, devagar; esse tipo de advérbio possui uma particularidade, pois boa parte desses advérbios de modo são formados a partir da junção entre o adjetivo+*sufixo* mente, tais como nas palavras: alegremente, ingenuamente, rapidamente. Advérbios de modo com essa característica são recorrentes no *corpus* analisado, indicando os modos de dizer desses discursos, contribuindo com o teor argumentativo, constituindo um dos traços de TD, como veremos nos exemplos a seguir.

QUADRO 3 – Modos de dizer – Uso dos advérbios de Modo

Discurso 1	(1) [...]O diálogo pela interdição das armas atômicas, na ONU, e o Concílio Ecumênico, no Vaticano, são os melhores exemplos dessa procura de concórdia e de paz. Mas acontece, paradoxalmente , que milhões e milhões de homens continuam a viver em condições subumanas, ou infra-humanas, em condições já miseráveis há mais de 500 anos passados e, por isso mesmo, hoje em dia inadmissíveis. [...] (ARRAES,1963, p.2 – grifo nosso) (2) [...] Foi porque éramos tecnologicamente adiantados que aprendemos a ganhar terra ao mar, a construir edificações sólidas e bonitas, a amansar a terra para a lavoura, a fazer engenhos[...] (ARRAES,1963, p.3 – grifo nosso)
Discurso 2	(3) [...]Por isso não serão contabilizadas horas na alteração da imagem-síntese do viver do pernambucano. No passado era o mocambo; no futuro haverá de ser somente a casa, decentemente a casa, cenário para um povo ordeiro, respeitador dos postulados legais e ideológicos que no presente libertaram-nos de desvios exóticos. (LEITE, 1971, n°61, p.1589 – grifo nosso) (4) [...]Esta excelsa tarefa terei de fazê-lo em colaboração permanente com o Poder Legislativo, estimulando-a e enaltecendo-o, para que, renovado, integre-se definitivamente na função suprema de governar. [...] (LEITE, 1971, n°61, p.1589 – grifo nosso)
Discurso 3	(5) [...]A existência desses problemas nos autorizaria a simplesmente repetir as mesmas palavras aqui pronunciadas. No entanto, sendo as mesmas, elas precisam, ao mesmo tempo ser outras, para que se possa ter em conta as alterações circunstanciais vividas até agora[...] (ARRAES, 1987,n° 50, p.2 – grifo nosso) (6) [...]Atingido fortemente pelo modelo econômico imposto ao País, Pernambuco perdeu mais, economicamente , do que outros Estados da Região, dadas a identidade problemas a enfrentar. (ARRAES, 1987, n° 50, p.2 – grifo nosso)

Nos exemplos citados acima, notamos como os advérbios de modo utilizados cumprem o papel de potencializadores dos discursos, modificando os verbos a quais são ligados. Nota-se por exemplo, em (2), a importância do advérbio **tecnologicamente** para o conjunto da sentença, ou, em (4), a força argumentativa de **definitivamente** ou, em (6), os advérbios **fortemente** e **economicamente** usados para reforçar a argumentação.

Constatamos que para a construção argumentativa dos discursos de posse, o uso dos advérbios cumpre um papel muito importante, uma vez que seu uso reforça, enfatiza, justifica a argumentação; a construção dos mesmos períodos sem a utilização desse recurso deixariam os discursos mais pobres, fracos, que corroborando com Castilho, redimensiona a importância dos advérbios. Vejamos, por exemplo, nas escritas comparativas abaixo, (A) com o uso dos advérbios e (B) sem o uso, a importância dos advérbios como elemento argumentativo dos discursos de posse do *corpus*:

Discurso 1(A)–[...] Foi porque éramos **tecnologicamente** adiantados que aprendemos a ganhar terra ao mar, [...] (ARRAES,1963, p.3 – grifo nosso)

(B) [...] Foi porque éramos [...] adiantados que aprendemos a ganhar terra ao mar, [...] (ARRAES,1963, p.3 – grifo nosso)

*Discurso 2 (A)–[...]Esta excelsa tarefa haverei de fazê-lo em colaboração permanente com o Poder Legislativo, estimulando-a e enaltecendo-o, para que, renovado, integre-se **definitivamente** na função suprema de governar. [...]* (LEITE, 1971, n°61, p.1589 – grifo nosso)

(B)[...]Esta excelsa tarefa haverei de fazê-lo em colaboração permanente com o Poder Legislativo, estimulando-a e enaltecendo-o, para que, renovado, integre-se [...] na função suprema de governar.[...] (LEITE, 1971, n°61, p.1589 – grifo nosso)

*Discurso 3 (A) – [...]Atingido **fortemente** pelo modelo econômico imposto ao País, Pernambuco perdeu mais, **economicamente**, do que outros Estados da Região[...]* (ARRAES, 1987, n° 50, p.2 – grifo nosso)

(B) – [...] [...]Atingido[...] pelo modelo econômico imposto ao País, Pernambuco perdeu mais, [...], do que outros Estados da Região [...] (ARRAES, 1987, n° 50, p.2 – grifo nosso)

Podemos perceber, a partir dos exemplos colocados acima, a força argumentativa dos advérbios de modo; a sua utilização ou não impactam diretamente no discurso. Por exemplo no discurso 3, a retirada dos advérbios **fortemente** e **economicamente**, alteram toda a relevância das consequências do modelo econômico imposto no País, para Pernambuco, enfraquecendo a argumentação do autor, no caso Miguel Arraes; dá mesma maneira como ocorre nos demais exemplos.

A presença desses advérbios, na amostra estudada, revela modos de dizer que se repetem, configurando, dessa maneira, elementos de TD na construção argumentativa dos discursos. Partiremos agora para as conclusões de nosso trabalho.

5. Considerações Finais

Buscamos, no decorrer deste trabalho, demonstrar (a partir de um *corpus* formado por três discursos de posse, de diferentes períodos históricos) a presença de elementos, indícios de TD, tendo como base o estudo das seguintes categorias de análise: contexto sócio-histórico, a organização retórica, o conteúdo temático e os modos de dizer, presentes nos discursos de posse escolhidos. Pelo tamanho reduzido do *corpus* utilizado neste estudo, os elementos aqui levantados merecem estudos mais aprofundados, para que os traços, os elementos, as marcas de TD encontradas, se confirmem enquanto TD.

Discorreremos a respeito da importância do gênero discurso de posse para os estudos linguísticos e especificamente para o campo das Tradições Discursivas; pautada por um suporte teórico, fundamental para subsidiar nossa análise. Conforme o trabalho foi se desenvolvendo, pudemos confirmar a presença desses traços de TD. Tanto na contextualização sócio-histórica que permitiu localizar os discursos de posse e seus autores cronologicamente e também com os

acontecimentos sociais que ocorriam nas respectivas épocas em que foram proferidos, quanto nas demais categorias analisadas.

A organização retórica nos permitiu identificar a sequência organizacional com que os discursos de posse foram construídos: as apresentações, as saudações, o fechamento dos discursos; percebemos que essa organização segue uma padronização correspondente à natureza do gênero, que marca uma TD. O conteúdo temático não se refere, neste estudo, às concepções ideológicas dos empossados (ainda que essas concepções fiquem claras nos discursos), e sim aos elementos de conteúdo que formam os discursos: análise de conjuntura, compromissos, propostas, dados estatísticos, encontramos aqui esses traços recorrentes nessa TD.

Por fim, a última categoria analisada foram os modos de dizer dos discursos de posse, a partir da utilização dos advérbios de modo como elemento argumentativo. Aqui pudemos verificar não só o papel sintático-semântico desse advérbio no processo argumentativo dos discursos de posse que compõem esse *corpus*, como sua repetição em ambos os casos, uma característica de TD na construção da argumentação.

Acreditamos que este artigo contribuiu, de maneira preliminar, para o estudo da Língua Portuguesa em geral, mas com especial destaque para o campo da Tradição Discursiva, com potencial para vários desdobramentos, entre as quais a possibilidade de transposição didática, levando os alunos a fazerem uma leitura mais crítica e interdisciplinar.

Referências

ANN, Jenifer; URBIN, Emiliano. O papel do EUA no golpe de 1964. **Super Interessante**. São Paulo, 10 de Out. de 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-verdadeira-participacao-dos-eua-no-golpe-de-64/>. Acesso em: 06/04/2023.

ARRAES, Miguel. **O povo no governo. discurso de posse no cargo de Governador do Estado de Pernambuco**, pronunciado em Recife, na Assembléia Legislativa de Pernambuco, a 31 de janeiro de 1963. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1963, p. 9 -24

ARRAES, Miguel. Discurso de Posse do Governador Miguel Arraes, 15 de março de 1987. **Página do Partido Socialista Brasileiro (PSB)**. Disponível em: <https://www.psb40.org.br/documentos/discurso-de-posse-do-governador-miguel-arraes-15-de-marco-de-1987/>. Acesso em 14/01/2023.

ARRAES, Miguel. Discurso de Posse como Governador de Pernambuco pronunciado na Assembleia Legislativa de Pernambuco, a 15 março de 1987. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco**. Recife, 16 de março de 1987, n.50, p. 2.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997

BARROS, Rogenildo Andrade. **Organização argumentativa e gênero no discurso político de posse: teorias em interação** 2010. 79f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Núcleo de Pós-Graduação em Letras, Pró-reitoria de Pós-Graduação, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão -SE, 2010.

Comissão Estadual da Verdade do Estado de São Paulo -Rubens Paiva. **Relatório - Tomo I - Parte I – Estrutura e Sistemas da Repressão: O Financiamento da Repressão**. São Paulo, 12 de março de 2015. Disponível em: <http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/>. Acesso em 06/04/2023.

CONSTANCIO, Felipe de Andrade; SCHLEE, Magda Bahia. O Gênero Discurso de Posse sob a Ótica da Linguística Sistêmico-Funcional. **Revista Philologus**, Ano 27, n. 80, Rio de Janeiro: CiFEFiL, p. 143-159, mai./ago.2021.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de . O modalizador realmente no português falado. **ALFA: Revista de Linguística**, v. 44 2000, p147-169.

FERREIRA, Mauro. Aprender e Praticar Gramática. **Unidade 15 – Palavras invariáveis: Advérbio, conceito, classificação**. São Paulo: FTD, 2007, p. 293

GOMES, Valéria S.; JUNGBLUTH, Konstanze; ZAVAM, Aurea. Tradição discursiva e historicidade da língua e do texto. **Revista da Abralín**, v.19, n.3,p. 562-567, 2020.

KABATEK, Johannes. Tradições Discursivas e Mudanças Linguísticas In: LOBO, Tania , et al. (org.). **Para a História do Português Brasileiro**, volume VII: Novos dados, novas análises TOMO II. Salvador: Edufba, 2006, p.505-530.

_____. Sobre a historicidade dos textos. **Linha d'água**, São Paulo, vol. 17,p. 157-170.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A Coesão Textual: Mecanismos de Constituição Textual, a Organização do Texto, Fenômenos de Linguagem**. 4ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 1991.

KOCH, Peter; DA COSTA, Tradução de Alessandra Castilho. Tradições discursivas: de seu status linguístico-teórico e sua dinâmica. *Pandemonium*. Trad., Alessandra Castilho da Costa, v. 24, n. 42, p. 360-401, 2021.

LEITE, Carlos Gueiros. Discurso de Posse como Governador de Pernambuco pronunciado na Assembleia Legislativa de Pernambuco, a 15 Março de 1971. **Diário Oficial do Estado de Pernambuco**. Recife, 16 de Março de 1971, n.61, p. 1588-1589.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. Aquisição de tradições discursivas: marcas de uma escrita heterogeneamente constituída. **ALFA: Revista de Linguística**, São José de Rio Preto-SP, v. 55, n. 1, p.225-248, 2011.

SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca. A Distribuição dos Advérbios de Modo em "-mente". **Revista de Estudos de Língua Portuguesa**, Belo Horizonte, vol. 2 n.2, p.12-31, 1983.

